

COLÉGIO PEDRO II

Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura
Programa de Residência Docente

Júlia Vieira Correia

DA LEITURA CRÍTICA À PRODUÇÃO TEXTUAL:
O gênero carta no Ensino Médio

Rio de Janeiro
2018



Júlia Vieira Correia

DA LEITURA CRÍTICA À PRODUÇÃO TEXTUAL:

O gênero carta no Ensino Médio

Produto Acadêmico Final apresentado ao Programa de Residência Docente, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Docência da Educação Básica na Disciplina de Português.

Coordenador: Jorge Luiz Marques de Moraes

Orientador/Supervisor: Glayci Kelli Reis da Silva Xavier

Campus de atuação no Colégio Pedro II: São Cristóvão III

Área/Disciplina: Português

Instituição de Origem: Colégio Miguel Couto - Unidade Piratininga

Rio de Janeiro

2018

CATALOGAÇÃO NA FONTE
**COLÉGIO PEDRO II / PROPGPEC / BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA
BECHER**

C824 Correia, Júlia Vieira

Da leitura crítica à produção textual: o gênero carta no Ensino Médio / Júlia Vieira Correia. - Rio de Janeiro, 2019.

45 f.

Produto Acadêmico Final (Especialização em Docência da Educação Básica na Disciplina Língua Portuguesa) – Colégio Pedro II. Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura. Programa de Residência Docente.

Orientador: Glayci Kelli Reis da Silva Xavier.

1. Língua portuguesa – Estudo e ensino. 2. Compreensão na leitura. 3. Produção textual. I. Xavier, Glayci Kelli Reis da Silva. II. Colégio Pedro II. III. Título.

CDD: 469

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves da Silva – CRB7 5692.

Júlia Vieira Correia

DA LEITURA CRÍTICA À PRODUÇÃO TEXTUAL:
O gênero carta na escola

Produto final apresentado ao Programa de Residência Docente, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Docência da Educação Básica na Disciplina Português.

Aprovado em: ____/____/____.

Prof^a Glayci Kelli Reis da Silva Xavier
Colégio Pedro II/ Universidade Federal Fluminense

Prof^a Teresa Andrea Florêncio da Cruz
Colégio Pedro II

Prof^a Aline de Azevedo Gaignoux
Colégio Pedro II

A Thereza – avó, amiga e mestra.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, à minha família, por permitir sempre que os meus estudos sejam a minha prioridade. Agradeço, especialmente, à minha avó Thereza, que, com carinho e atenção, dedicou-se a formar uma menina leitora, apaixonada e reflexiva.

Agradeço, também, aos meus tios Calil e Fernanda e à minha prima Isabella, que me receberam e abrigaram tantas vezes na cidade do Rio de Janeiro, onde cursei a especialização e idealizei este projeto.

Agradeço aos meus amigos por estarem ao meu lado e por compreenderem minhas ausências.

Agradeço aos professores que tive no decorrer da minha trajetória escolar e acadêmica, pois me inspiraram e me mostraram razões para seguir no magistério. Agradeço, principalmente, àqueles que me incentivaram a segui-lo, mas compreendo os que não o fizeram: muitas vezes, é trabalhoso e frustrante.

Agradeço à equipe pedagógica do Colégio Miguel Couto de Piratininga, por me receber e autorizar a aplicação do projeto. E, aos alunos da rede, por participarem dele com louvor.

Agradeço ao Colégio Pedro II e aos seus docentes. A instituição realiza um trabalho esplêndido na formação de jovens e na formação continuada de professores. Obrigada, por fim, Glayci Xavier, minha supervisora, pela oportunidade de vivenciar esse cotidiano e de evoluir com ele.

"Entre o sacrifício e o jogo, entre a prisão e a transgressão, entre a submissão ao código e a agressão, entre a obediência e a rebelião, entre a assimilação e a expressão - ali, nesse lugar aparentemente vazio, seu templo e seu lugar de clandestinidade, ali, se realiza o ritual antropófago da literatura latino-americana."

(Silviano Santiago)

RESUMO

CORREIA, Júlia Vieira. **Da leitura crítica à produção textual:** o gênero carta no Ensino Médio. 2018. 45 f. Produto Acadêmico Final (Especialização em Docência da Educação Básica na Disciplina Português) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Programa de Residência Docente, Rio de Janeiro, 2018.

O presente trabalho propõe um estudo dos gêneros discursivos carta argumentativa e carta do leitor na 2ª série do Ensino Médio de uma escola particular em Niterói. Parte-se do texto literário “Carta de Caminha”, para se trabalhar a composição do gênero. Além disso, visa-se a uma releitura crítica do texto, que já havia sido trabalho na série anterior durante as aulas sobre Literatura de Informação e Quinhentismo. Para isso, utilizam-se conhecimentos literários e históricos nas aulas de produção textual. Posteriormente, são pedidas redações pertencentes aos gêneros trabalhados, com temáticas que dialogam com as discussões baseadas na “Carta de Caminha”. Como referenciais teóricos para a releitura crítica, são utilizados Silviano Santiago e Renato Cordeiro Gomes, com as ideias de “entrelugar” e “descentramento”, respectivamente. Para a parte didática do projeto, voltada para o gênero carta, utilizam-se livros didáticos; teóricos da área, como Dominique Maingueneau (2001), Luiz Antônio Marcuschi (2008) e Mikhail Bakhtin (2006); fundamentos de ensino e correção de textos na escola, de Lílian Passarelli (2012); e a sequência básica estipulada por Rildo Cosson (2018) para as atividades de produção textual.

Palavras-chave: Educação. Ensino Médio. Leitura crítica. Produção textual. Gênero carta.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Lista de Quadros

Quadro 1 – Cronograma de atividades.....	15
Quadro 2 – Plano de aula de 03/10/2018.....	18
Quadro 3 – Plano de aula de 17/10/2018.....	19
Quadro 4 – Plano de aula de 24/10/2018.....	22

Lista de Figuras

Figura 1 – Vídeo sobre o descobrimento.....	20
Figura 2 – Vídeo sobre a relação entre portugueses e índios.....	21
Figura 3 – Quadro teórico.....	23
Figura 4 – <i>Meme</i>	27

Lista de Textos

Texto 1 – Texto teatral.....	23
Texto 2 – Poema.....	26

Produções textuais

Produção textual 1.....	30
Produção textual 2.....	32
Produção textual 3.....	33
Produção textual 4.....	34
Produção textual 5.....	35
Produção textual 6.....	36
Produção textual 7.....	37
Produção textual 8.....	38
Produção textual 9.....	39
Produção textual 10.....	40

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	OBJETIVOS	10
2.1	Objetivo Geral.....	10
2.2	Objetivos Específicos	10
3	JUSTIFICATIVA	11
4	PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	12
5	PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS	15
6	APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS	29
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
	REFERÊNCIAS	42
	APÊNDICE A – EXPLICAÇÃO PASSADA NO QUADRO	44
	APÊNDICE B – FOTOGRAFIAS.....	45

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca apresentar um projeto realizado nas aulas de produção textual na 2ª série do Ensino Médio de uma escola da rede particular situada na Região Oceânica do município de Niterói. Percebeu-se, durante o ano letivo de 2018, que os alunos do Ensino Médio, em muitos momentos, mostraram-se desinteressados e passivos diante dos textos que lhes eram apresentados. Essa postura não foi vista como algo interessante, visto que a Escola Básica e o exercício docente visam à formação de um aluno crítico. Essa postura ocorreu não apenas nas aulas de produção textual, a que se filiam este projeto, mas também nas demais, principalmente nas de Literatura, em que a carga de textos é maior.

Um fator relevante nessa questão é a Escola Básica apresentar poucas mudanças e adaptações em relação aos métodos educacionais predominantes em gerações anteriores. Nesse sentido, ela se mostra ultrapassada em alguns aspectos. Portanto, rever algumas práticas educacionais é algo de suma importância, pois o mundo exterior à sala de aula está em constante evolução, com diferentes estímulos. Além disso, mudar a forma como o ensino de Literatura e de História é explorado, centralizado na Europa e *apenas* na visão europeia, é um dos objetivos deste projeto.

Concomitante a essa ideia, visa-se à leitura crítica na sala de aula. Muitas vezes, o texto literário é apresentado como algo indiscutível. No entanto, a partir do final do século XX, releituras desses textos começam a surgir no campo da teoria literária, com Silviano Santiago e Renato Cordeiro Gomes. Esses autores demonstram que, em alguns casos, as produções literárias canonizadas estão repletas de preconceitos da época a que pertencem. Por isso, dentro do ambiente escolar, não se deve negligenciar a releitura crítica dessas obras, de modo que tais preconceitos não sejam perpetuados.

Nesse âmbito, tendo em vista que na aula de produção de textos os alunos utilizam os conhecimentos das outras áreas de conhecimento, partir do texto literário pode ser uma forma de explorar um novo gênero discursivo em sala. Nesse sentido, durante o projeto, foi realizada uma releitura de um período literário já visto na 1ª série do Ensino Médio. Junto a isso, vídeos críticos e atuais do *youtube* foram escolhidos para serem passados em sala de aula, contribuindo para o debate e para a escrita de uma nova carta. Como resultado, esperava-se que o senso crítico dos alunos idealizado por Paulo Freire (2015) fosse efetivamente aguçado.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

- Desenvolver a leitura crítica e a produção do gênero carta com alunos do Ensino Médio.

2.2 Objetivos Específicos

- Aproximar os conteúdos de História e Literatura das aulas de produção textual;
- reler a “Carta de Caminha”;
- discutir as representações do índio engendradas na “Carta de Caminha”;
- trabalhar os aspectos composicionais do gênero textual carta;
- reescrever, a partir do ponto de vista do índio, a “Carta de Caminha”;
- escrever, a partir do ponto de vista de um leitor crítico, uma carta do leitor;
- promover a reflexão na sala de aula.

3 JUSTIFICATIVA

Na 2ª série do Ensino Médio do Colégio Miguel Couto, unidade Piratininga, havia uma série de problemas. Os alunos mostraram, muitas vezes, desinteresse pelos estudos. Isso ocorre devido a diversos fatores. Um deles pode estar relacionado a como os jovens estavam acostumados a receber o que lhes era apresentado, aceitando tudo sem questionamentos. A escola, como formadora, deve ensinar o seu aluno a questionar e reivindicar aquilo com que ele não concorda.

Por isso, fazer uma nova leitura da “Carta de Caminha”, documento histórico, é uma alternativa. O problema encontrado talvez não seja resolvido efetivamente, mas possivelmente haverá um indício de mudança. Foram mostrados aos alunos não apenas os elementos do gênero discursivo em questão, mas também a argumentação construída em prol de um fim. Esse fim, que é a exploração dos índios, é atingido e essa discussão é levada para a sala de aula.

A partir disso, unindo conhecimentos literários e históricos ao debate, chega-se ao gênero carta e à produção dele. A aula de produção textual deixa de ser apenas o momento de ver teorias e produzir textos, passando a ter um cunho pedagógico mais amplo, visando à reflexão. Além disso, este projeto se afasta das práticas de dissertação e das aulas de argumentação tradicionais, que visam ao vestibular. Essas aulas dialogam, sim, com o vestibular, mas de outra forma. Elas trabalham o poder de argumentação, fazem uma revisão da literatura e da história e, principalmente, estimulam a criticidade do aluno.

Espera-se que, a partir deste projeto e dessa prática de leitura crítica, os alunos passem a encarar os textos e o mundo à sua volta com um olhar mais crítico e reflexivo. Assim, haverá menos passividade na escola e, possivelmente, na vida exterior também. Em somatória, há a mudança e a ampliação de ótica sobre a literatura e os textos vistos na escola. Vê-se a necessidade de um trabalho com esse objetivo, pois o aluno é, muitas vezes, apresentado a apenas uma maneira de olhar, perpetuando estereótipos enraizados na sociedade e não contribuindo para o desenvolvimento do pensamento crítico.

4 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Para embasar esta proposta de trabalho que visa a uma releitura crítica da Carta de Caminha, considerada o primeiro texto literário brasileiro, utilizam-se dois conceitos. Silviano Santiago, um teórico respeitado, no final dos anos 1970, publica o livro *Ensaio sobre dependência cultural* (2000). Nele, há um ensaio que discute a questão do “entrelugar”, que seria definido, grosso modo, como aquilo que não tem lugar na literatura. Um dos seus objetivos é mudar a perspectiva dominante na literatura ou, ao menos, dar espaço e valor para outras perspectivas. Nesse sentido, Santiago se coloca como um teórico pós-colonial, contrapondo-se ao estudo clássico, que segue uma perspectiva europeia.

Santiago (2000, p. 9, 10) mostra, a partir de uma analogia com Montaigne, a “descoberta extraordinária” de que os bárbaros, no Novo Mundo, não se comportariam como bárbaros. Isto é, Santiago quer dizer, de certa forma, que os índios do Brasil também não correspondem àqueles descritos na literatura. Essa literatura é, na verdade, escrita por europeus brancos e voltada para um público europeu branco. Nesse sentido, destaca-se que,

Desde o século passado, os etnólogos, no desejo de desmistificar o discurso beneplácito dos historiadores, concordam em assinalar que a vitória do branco no Novo Mundo se deve menos a razões de caráter cultural do que ao uso arbitrário da violência e à imposição brutal de uma ideologia, como atestaria a recorrência das palavras “escravo” e “animal” nos escritos portugueses e espanhóis. Essas expressões, aplicadas aos não ocidentais, configuram muito mais um ponto de vista dominador do que propriamente uma tradução do desejo de conhecer. (SANTIAGO, 2000, p. 10)

Percebe-se, logo, que a escolha do léxico na caracterização dos indígenas contribui para a supremacia dos brancos no Novo Mundo. Esse pensamento ainda permanece na realidade brasileira e é uma das responsabilidades da escola combatê-lo. A proposta tem essa finalidade e isso é feito, principalmente, no momento de leitura e interpretação minuciosa de trechos da “Carta de Caminha”. Busca-se mostrar aos alunos a estrutura composicional do gênero discursivo em questão, como também a representação do índio e como a história se apoia nessa descrição presente no texto.

Em relação à leitura crítica da Carta, Santiago (2000, p. 12, 13) traz uma excelente observação:

Encontramos informações preciosas e extraordinárias na carta escrita ao rei de Portugal por Pero Vaz de Caminha. Segundo o testemunho do escrivão-mor, os índios brasileiros estariam *naturalmente* inclinados à conversão religiosa, visto que, de longe, *imitavam* os gestos dos cristãos durante o santo sacrifício da missa. A imitação - a imitação totalmente epidérmica, reflexo do objeto na superfície do espelho, ritual privado de palavras -, eis o argumento mais convincente que o navegador pôde enviar ao seu rei em favor da inocência dos indígenas.

São destacados também os aspectos de composição da argumentação, os exemplos, sejam eles persuasivos ou não. A forma pela qual se construiu a argumentação do documento tem valor pela época e pelo contexto de produção. Contudo, hoje é possível relê-lo observando essas características, a fim de proporcionar uma aula de produção textual envolvendo literatura e história também. Ademais, há a perspectiva dessa superficialidade. O texto foi baseado em uma análise muito crua e simples, contudo, ele se propagou e se tornou de extrema relevância, de modo que é estudado até hoje nas escolas. Por isso, é de suma importância trabalhá-lo com os alunos, mas não apenas com uma interpretação rasa e romantizada que predominou no século XX.

Sob essa ótica, encontra-se respaldo também em Renato Cordeiro Gomes, professor associado da PUC-RIO, atuante na área de literatura e teoria literária. O autor (2004) idealiza a teoria do “descentramento”, observando vantagens em não estar no centro, apoiando-se em Piglia, escritor argentino. Entende-se a necessidade de deslocar o olhar e mudar o ponto de vista, visto que muitas vezes as leituras naturalizam aquilo que não deveria ser natural. Gomes (2004, p. 28, 29), inclusive, propõe:

O deslocamento, que pode ser entendido como espacial-geográfico, ou atemporal, ou discursivo, associa-se à noção de limite de que fala Piglia, passível de ser conjugada à problemática da fronteira, que por sua vez implica a noção de transgressão (e vice-versa). Por essa ótica, como postula Hommi Bhabha, as narrativas legitimadoras da dominação cultural, ainda estruturadas numa lógica binária de centro e periferia, hierarquizadora e eurocêntrica, podem ser deslocadas para revelar o que ele chama de “terceiro espaço”, em que convivem momentos diferentes do tempo histórico.

Gomes (2004, p. 29) afirma, ainda, que essa concepção de “terceiro espaço” estaria convergindo com a ideia de “entrelugar” de Santiago. As duas foram, por essa razão, utilizadas como base para esta proposta. Seguindo por essa forma de estudo, pode-se verificar, com base no texto literário escolhido e nos conhecimentos adquiridos nas aulas de história, como o documento em questão foi também uma das armas utilizadas no

processo de dominação. Com a releitura crítica, observa-se que a argumentação da Carta foi construída a fim de justificar um processo de aculturação e exploração.

Por fim, para (re)conquistar o alunado jovem do Ensino Médio, é preciso traçar novas técnicas, pois as tradicionais já não o atraem tanto. Outrossim, há os estímulos como a internet, o celular, a música e outros, que parecem ser mais interessantes do que a aula e a leitura, por exemplo. Dessa forma, Sousa (2016, p. 73, 74) lança o questionamento: “diante desse contexto tecnológico, algumas perguntas emergem: de que modo as qualidades técnicas da informática configuram a noção de texto e, conseqüentemente, os papéis e as posições de autores e leitores?”.

Sousa (2016, p. 85), a partir disso, conclui que “a escola não pode ignorar que o leitor contemporâneo tem a seu dispor, vinte e quatro horas por dia, inúmeras redes de contato”. Desse modo, tendo como base uma metodologia ativa de aprendizagem, pôde existir uma troca. Elegeram-se para as aulas uma leitura *on-line* em arquivo PDF, vídeos do *youtube* de um canal conhecido pelos adolescentes e um *meme*, gênero também do cotidiano virtual deles.

Essa ideia de buscar respaldo nos textos já conhecidos pelos estudantes dialoga com a proposta de Freire de contextualizar o ensino: “por que não estabelecer uma ‘intimidade’ entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos?” (FREIRE, 2015, p. 32). Nesse sentido, Passarelli (2012, p. 51) complementa bem essa discussão ao sugerir que, “quando o professor não se vale de perspectivas mais atuais (...), os resultados que colhe em relação à qualidade dos textos que seus alunos escrevem deixam muito a desejar”. Isto é, para uma melhor aula de leitura e produção textual, é importante buscar novas metodologias.

5 PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa, de caráter qualitativo e de tipo pesquisa-ação, apoia-se no instrumento coletado após as aulas – uma produção textual de cada aluno – e na observação do professor em relação à aceitabilidade das propostas e ao envolvimento dos jovens. O projeto foi idealizado para o mês de outubro e obedeceu ao seguinte cronograma, em que cada data representa uma aula de 45 minutos:

Quadro 1 – Cronograma de atividades

Atividade/Data	26/09	03/10	10/10	17/10	24/10	31/10	07/11	14/11	21/11
Solicitação da leitura da “Carta”	X								
Leitura de trechos da carta em sala		X		X					
Teste agendado pela coordenação			X						
Sistematização do conteúdo e visionamento de vídeos				X					
Produção da 1ª carta argumentativa					X				
Leitura dos textos motivadores para a 2ª da segunda carta, revisão para a prova e para o ENEM						X			
Prova							X		
Projeto “7 artes” (não houve aula)								X	
Simulado agendado pela coordenação									X

Em primeiro lugar, é importante ressaltar que, para realizar um projeto de ensino, é preciso ter teorias que sustentem as ideias e que deem segurança para trabalhar. Além disso, em momentos de questionamentos, elas garantem preparo para sanar as dúvidas

quanto às práticas. Por isso, junto da explanação da metodologia, há também teorias que envolveram a preparação das aulas, bem como as aulas em si.

Desse modo, tendo como base os Parâmetros Curriculares Nacionais do terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental de Língua Portuguesa,

Todo texto se organiza dentro de determinado gênero em função das intenções comunicativas, como parte das condições de produção dos discursos, as quais geram usos sociais que os determinam. Os gêneros são, portanto, determinados historicamente, constituindo formas relativamente estáveis de enunciados, disponíveis na cultura.

Embora o trecho acima seja direcionado para o Ensino Fundamental, é possível utilizá-lo como base para o projeto de Ensino Médio. Pretende-se, nesta proposta, compreender que os textos – atos enunciativos – de um mesmo gênero discursivo são escritos por alguém – o enunciador – e para alguém – o público-alvo –, sendo esses de suma relevância em qualquer ato enunciativo. Além disso, deve ser enfatizado que esses gêneros foram consolidados a partir de processos pertencentes à história de uma sociedade. Os gêneros são, por conseguinte, produtos de uma cultura, como observa Marcuschi (2008, p. 187):

Um gênero seria uma noção cotidiana usada pelos falantes que se apoiam em características gerais e situações rotineiras para identificá-lo. Tudo indica que existe um saber social comum pelo qual os falantes se orientam em suas decisões acerca do gênero de texto que estão produzindo ou que devem produzir em cada contexto comunicativo. Esses gêneros não surgem naturalmente, mas se constroem na interação comunicativa e são fenômenos sociointerativos.

Em somatória, foram abordados os cinco fatores de textualidade, com apoio em Marcuschi (2008). Esses são a intencionalidade, a aceitabilidade, a informatividade, a situacionalidade e a intertextualidade. É imprescindível, ao analisar textos com os alunos, pensar sobre esses fatores, também de suma importância para a escrita dos textos. Todos os fatores estão presentes no ato de produção textual e, posteriormente, registrados na produção, explícita ou implicitamente. Constituem, também, as características canônicas dos gêneros discursivos e auxiliam nas classificações. Por isso, entende-se o ato de leitura como fundamental para uma posterior escrita bem fundamentada.

Levantaram-se, no trabalho com a “Carta de Caminha”, as possíveis intenções do enunciador, o grau de aceitabilidade de seu destinatário, o tipo de informação da mensagem, a situação em que a mensagem foi propagada e, por fim, a(s) intertextualidade(s) que a mensagem traz. Esse último fator se tornou de difícil acesso,

porque se trata do primeiro documento escrito do Brasil, redigido em uma época em que as possíveis referências são em relação a Portugal, tendo os alunos do Ensino Médio atual pouca ou nenhuma base sobre isso.

Junto a isso, buscou-se analisar o suporte dos gêneros, como um fator decisivo para certas escolhas, como a do registro linguístico. Dominique Maingueneau, mostrando que é preciso analisar um texto como um todo, não somente sua mensagem, e principalmente o suporte, afirma que:

É necessário reservar um lugar importante ao modo de *manifestação material* dos discursos, ao seu *suporte*, bem como ao seu modo de difusão; enunciados orais, no papel, radiofônicos, na tela do computador etc. (MAINGUENEAU, 2007, p. 71)

Ademais, é essencial descrever para os alunos a função e o valor dos gêneros do discurso no convívio social, para que, assim, o ensino seja contextualizado e voltado para a realidade exterior à escola, como prega Freire (2015). Nesse sentido, segundo Bakhtin (2006, p. 283),

Nós aprendemos a moldar o nosso discurso em formas de gênero e, quando ouvimos o discurso alheio, já adivinhamos o seu gênero pelas primeiras palavras, adivinhamos um determinado volume (isto é, uma extensão aproximada do conjunto do discurso), uma determinada construção composicional, prevemos o fim, isto é, desde o início temos a sensação do conjunto do discurso que em seguida apenas se diferencia no processo da fala. Se os gêneros do discurso não existissem e nós não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo do discurso, de construir livremente e pela primeira vez cada enunciado, a comunicação discursiva seria quase impossível.

A partir das conceituações acerca dos gêneros discursivos no preparo das aulas, chegou-se aos gêneros específicos trabalhados na 2ª série do Ensino Médio. Visto que este projeto se atrela à disciplina de produção textual de uma escola particular de Niterói, há a necessidade de se seguir o cronograma estipulado pela coordenação da área de linguagens. Conforme o documento, no mês de outubro devem ser trabalhados os gêneros discursivos carta argumentativa e carta do leitor.

Tendo como base o livro didático *Produção de texto: interlocução e gêneros*, de Maria Luiza M. Abaurre e Maria Bernadete M. Abaurre (2007), para o estudo prévio das aulas e para a elaboração do material didático, pois a escola não adotou livro didático, observa-se uma definição interessante:

A **carta argumentativa** é um gênero discursivo em que o autor do texto dirige-se a um interlocutor com o objetivo de defender um ponto de vista e, se for o caso, convencer esse interlocutor a mudar de opinião

sobre alguma questão polêmica ou levá-lo a agir de uma determinada maneira. (ABAURRRE, ABAURRE, 2007, p. 235)

Seguindo essa linha, no dia 26 de setembro foi solicitada a leitura prévia da “Carta de Caminha”, disponibilizada em arquivo PDF no site da Biblioteca Nacional. Depois, no dia 3 de outubro, foram lidos trechos selecionados do texto. Ela foi apresentada como um texto que pode pertencer ao gênero carta argumentativa, devido ao seu caráter argumentativo de defesa de um ponto de vista e, principalmente, pelo fato de ter contribuído para que seu interlocutor agisse de determinada maneira, como consta no plano de aula a seguir:

Quadro 2 – Plano de aula de 03/10/2018

PLANO DE AULA
<p>Área de Atuação/ conhecimento: Português/Redação Tema: Gênero carta - introdução Série/Nível: 2ª série do Ensino Médio Data: 03/10/2018 Tempo de duração: 35 a 45 min.</p>
<p>Objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Ler trechos da “Carta de Caminha” previamente selecionados. • Perceber as características que compõem o gênero carta. • Discutir o caráter descritivo e argumentativo da Carta. • Refletir sobre os processos de “descobrimento” do Brasil, de exploração e aculturação. • Traçar um paralelo com os dias atuais e tentar observar resquícios dessa história.
<p>Conteúdos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Gênero carta argumentativa. • Movimento literário denominado “Literatura Informativa”.
<p>Procedimentos de Ensino:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Introduzir o gênero carta partindo do texto literário, considerado o primeiro documento escrito do Brasil. • Discutir os aspectos característicos do gênero a partir de uma leitura mediada em sala de aula.
<p>Recursos Didáticos: Texto impresso.</p>
<p>Avaliação: A avaliação, nessa primeira etapa, será feita por meio da observação da participação dos alunos, por perguntas orais dirigidas à turma e por levantamentos que os próprios alunos fazem.</p>
<p>Bibliografia: http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/carta.pdf (acesso em setembro de 2018)</p>

Na aula do dia 3 de outubro, uma aluna leu em voz alta os trechos da “Carta” e pausas foram feitas para discussão. Os alunos puderam se colocar e houve debates entre os próprios. Em alguns momentos, perceberam os preconceitos que emanavam no texto, em outros, foi preciso direcionar a leitura. No entanto, não houve tempo hábil para o fechamento do programa e, na aula seguinte, a última coluna do texto ainda foi lida.

Na aula posterior, dia 10 de outubro, foi aplicado um teste programado pela coordenação e, por isso, não houve aula. No dia 17, dando sequência ao cronograma, a leitura foi concluída e o conteúdo foi sistematizado e formalizado no quadro¹, de acordo com o plano de aula abaixo:

Quadro 3 – Plano de aula de 17/10/2018

PLANO DE AULA
<p>Área de Atuação/ conhecimento: Português/Redação Tema: Gênero carta - finalização da introdução ao gênero e discussão temática Série/Nível: 2ª série do Ensino Médio Data: 17/10/2018 Tempo de duração: 35 a 45 min.</p>
<p>Objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Formalizar, no quadro, as características do gênero carta. • Completar a leitura dos trechos da “Carta de Caminha”. • Assistir a 2 vídeos do canal Porta dos Fundos: “Descobrimento” e “Colonizado”. • Refletir sobre os processos de “descobrimento” do Brasil, de exploração e aculturação. • Traçar um paralelo com os dias atuais e tentar observar resquícios dessa história.
<p>Conteúdos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Gênero carta argumentativa. • Movimento literário denominado “Literatura informativa”. • Processos históricos, como descobrimento do Brasil e aculturação.
<p>Procedimentos de Ensino:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Sistematizar, no quadro, a estrutura e as características do gênero carta. • Finalizar a discussão dos aspectos característicos do gênero a partir da leitura mediada de trechos da “Carta de Caminha”. • Assistir a 2 vídeos do canal Porta dos Fundos que abordam a questão do descobrimento e da colonização. • Refletir sobre as questões abordadas na “Carta de caminha” e nos vídeos.
<p>Recursos Didáticos: texto impresso, quadro branco, pilots, projetor, caixa de som, notebook e internet.</p>

¹ Apêndice A.

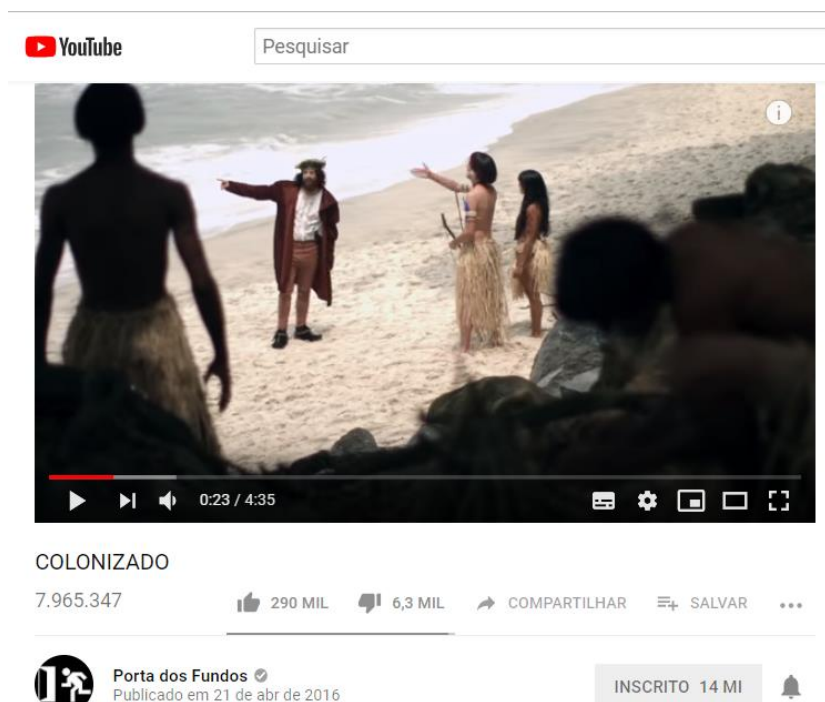
Avaliação: Nessa etapa, a avaliação será feita por meio da observação da participação dos alunos, por perguntas orais dirigidas à turma e por levantamentos que os próprios alunos fazem.

Bibliografia:

- ABAURRE, Maria Luiza M.; ABAURRE, Maria Bernadete M. **Produção de texto:** interlocução e gêneros. São Paulo: Moderna, 2007.
- CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Texto e interação:** uma proposta de produção textual a partir de gêneros e projetos. São Paulo: Atual, 2000.
- http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/carta.pdf (acesso em setembro de 2018)
- <https://www.youtube.com/watch?v=ViIBcsGdYDM>
- <https://www.youtube.com/watch?v=S9UTFKPyTMs>

Ademais, como se pode observar, também foram passadas duas leituras multimodais: vídeos do *youtube* do canal “Porta dos fundos”, já conhecido pela maioria dos estudantes. O primeiro vídeo se chama “Colonizado” e aborda, de forma irônica e humorística, o “descobrimento” do Brasil.

Figura 1 – Vídeo sobre o descobrimento



(Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=ViIBcsGdYDM>. Acesso em 18/12/2018)

O outro vídeo se chama “Descobrimento” e trata, mais uma vez de forma irônica e engraçada, do processo de exploração das terras e dos índios.

Figura 2 – Vídeo sobre a relação entre portugueses e índios



(Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=S9UTFKPyTMs>. Acesso em 18/12/2018)

Para essa aula, foi pedido que um aluno levasse sua caixinha de som, pois a escola não dispunha de tal aparato. O aluno, empolgado pois sabia que seria passado um vídeo, levou a caixinha no dia da prova. A confusão demonstrou que os alunos estavam se envolvendo novamente com as aulas de produção textual, pois já se mostravam ansiosos pelas aulas com vídeo.

Na aula subsequente, dia 24 de outubro, como exercício prático do gênero, foi solicitada outra carta, porém com o ponto de vista do índio. Desse modo, a argumentação se fez com base em “mudar de opinião sobre alguma questão polêmica” (ABAURRE, ABAURRE, 2007, p. 235). Os alunos se fizeram interessados e silenciosos para a escrita, como comprovam as fotografias². O plano de aula se encontra a seguir:

² Apêndice B.

Quadro 4 – Plano de aula de 24/10/2018

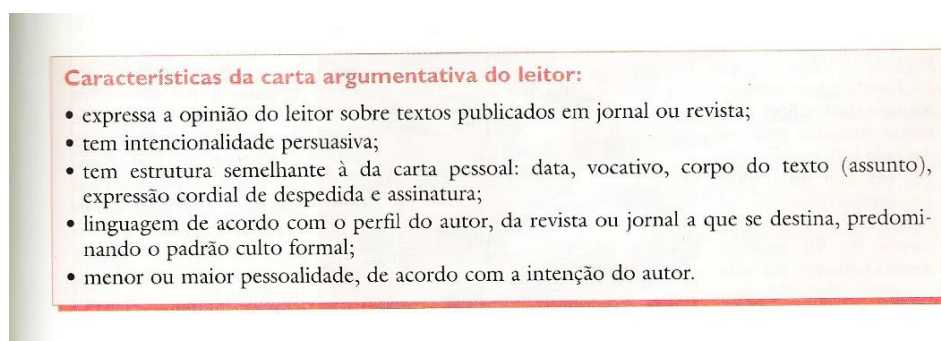
PLANO DE AULA
<p>Área de Atuação/conhecimento: Português/Redação Tema: Gênero carta - produção Série/Nível: 2ª série do Ensino Médio Data: 24/10/2018 Tempo de duração: 35 a 45 min.</p>
<p>Objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Refletir sobre os processos de “descobrimento” do Brasil, de exploração e aculturação. • Produzir uma carta argumentativa sob a perspectiva do índio.
<p>Conteúdos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Gênero carta argumentativa. • Movimento literário denominado “Literatura informativa”. • Processos históricos, como descobrimento do Brasil e aculturação. • Desconstrução de preconceitos.
<p>Procedimentos de Ensino: Com base nas aulas anteriores, de leitura da “Carta de Caminha”, de discussão do tema e de sistematização das características composicionais do gênero carta, será pedida a produção de uma carta argumentativa com o ponto de vista do índio sobre a chegada dos portugueses ao Brasil. Portanto, o emissor será o índio e o receptor poderá ser o chefe de sua tribo ou o próprio rei de Portugal. A produção textual deverá ter entre 20 e 30 linhas.</p>
<p>Recursos Didáticos: Folha de produção textual fornecida pela escola, com 30 linhas numeradas.</p>
<p>Avaliação: Nessa etapa, a avaliação será feita por meio do texto produzido individualmente. Ele será revisado e serão corrigidos desvios gramaticais e de estrutura do gênero carta, com base na tábua de correção estipulada por Passarelli (2012, p. 271). Não haverá nota, porém o aluno que realizar a atividade com seriedade ganhará 1 ponto extra na prova do bimestre.</p>
<p>Bibliografia:</p> <ul style="list-style-type: none"> • ABAURRE, Maria Luiza M.; ABAURRE, Maria Bernadete M. Produção de texto: interlocução e gêneros. São Paulo: Moderna, 2007. • PASSARELLI, Lílian Maria Ghiuro. Ensino e correção na produção de textos escolares. São Paulo: Telos, 2012. • http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/carta.pdf (acesso em setembro de 2018)

Com base na tábua de correção para o gênero carta de Passarelli (2012, p. 271), buscou-se analisar nos textos produzidos: 1. estrutura e elementos composicionais do gênero carta; 2. organização da argumentação; 3. coesão textual; 4. norma culta. Na aula posterior, as redações foram devolvidas para que os alunos tivessem um retorno. Não

houve tempo hábil para a reescrita do texto, pois o cronograma do último bimestre não permitiu essa prática tão rica. Todos que produziram a carta com seriedade e dentro do número de linhas estipulado obtiveram a gratificação de 1 ponto extra na prova do bimestre.

Para o segundo gênero discursivo selecionado – também considerado um subgênero da carta argumentativa –, a carta do leitor, utilizou-se como norte o livro didático “Texto e interação: uma proposta de produção textual a partir de gêneros e projetos”, de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães (2000). Nele, há o seguinte quadro explicativo acerca das características do gênero:

Figura 3 – Quadro teórico



Fonte: CEREJA, MAGALHÃES (2000, p. 183)

Esse mesmo quadro foi transposto para o quadro branco da sala no dia 31 de outubro. Estavam planejadas para essa aula uma revisão para a prova do bimestre e uma produção textual. Para isso, seriam utilizadas, como base, a temática e a discussão acerca do processo histórico da colonização no Brasil, oriundas da leitura da “Carta de Caminha”, da visualização dos vídeos e da leitura de um texto teatral, de um poema e de um *meme*.

Texto 1 – Texto teatral

Se eu fosse Iracema

Fernando Marques

I.

Um homem branco vale mais que um homem de outra cor.

Um homem branco vale mais que um homem de qualquer cor.

Um homem branco vale mais que um homem.

Um homem branco vale mais que uma mulher,

que uma onça,
um rio,
um pássaro,
uma raiz,
um tronco de árvore sagrada,
uma erva que cura,
uma capivara,
um jabuti,
um totem,
uma aldeia inteira,
uma etnia inteira,
uma história toda.

A história do homem branco é história.

A ciência do homem branco é ciência.

A religião do homem branco é religião.

A arte do homem branco é arte.

A filosofia do homem branco é filosofia.

E a história de qualquer outro homem é folclore,

é caso,
é mentira,
é bobagem,
é superstição,
é lenda,
é enredo de escola de samba,
é poesia de livro didático.

Só o homem branco sabe,

Só o homem branco sobe,

Só o homem branco salva,

Os outros homens: selva.

IV.

Os outros homens também tinham deuses

Que também eram outros,

Não brancos.

Os deuses de outras cores tinham combinado

E cada um tinha o seu segredo:

Um ficava com as terras,
Outro ficava com o ar,
Outro ficava com as ervas,
Outro ficava com a luz,
Outro ficava com as trevas,
Outro ficava com o mar,
Outro ficava com as tretas,
Outro ficava com o éter,
Outro ficava com o tear,
Outro ficava com as flores,
Outro ficava com os ermos,
Outro ficava com as dádivas,
Outro ficava com o tirar
E o mundo era feito por tiras
Que se entrelaçavam todas
Fazendo o tecido da vida.

Mas o deus branco era autoritário e vingativo

E queria tudo sozinho:

Matou todos os outros deuses

E ficou um deus só

O homem branco foi feito do barro

À imagem de semelhança do deus branco,

Autoritário e vingativo

E decidiu que também podia matar

Os filhos dos outros deuses.

VI.

O deus branco matou todos os outros

Deuses

Mas achou por bem deixar vivo o

Diabo.

Fonte: Encarte da peça “Se eu fosse Iracema”, com roteiro de Fernando Marques.

Os excertos do texto teatral, de Fernando Marques, trazem uma comparação entre a história dos brancos e as outras histórias, incluindo a indígena. No primeiro canto, fica nítida a supremacia do homem branco perante as demais. No quarto canto, o foco é a cultura indígena e, na sequência, é exposto o processo de aculturação. Por fim, no sexto canto, há uma ironia – figura de linguagem trabalhada também na aula dos vídeos. Nessa leitura, os alunos se mostraram mais independentes e maduros, assumindo suas interpretações e travando discussões, relacionando-as, sempre, aos conteúdos de História.

Texto 2 - Poema

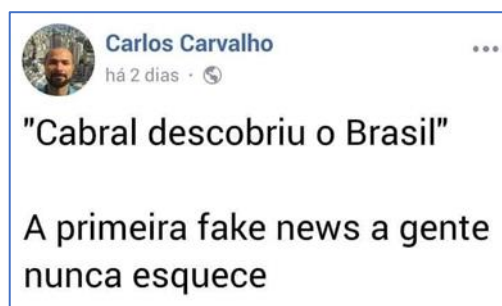
Erro de português

Quando o português chegou
 Debaixo de uma bruta chuva
 Vestiu o índio
 Que pena!
 Fosse uma manhã de sol
 O índio tinha despido
 O português.

Fonte: ANDRADE, O. In: FARACO & MOURA. *Língua e Literatura*. v.3 São Paulo: Ática, 1995. p. 146, 147.

O poema de Oswald de Andrade, por outro lado, apresentou-se como mais simples e de fácil compreensão. Os jovens perceberam sozinhos o tom humorístico, a ironia e a crítica. Entenderam como a questão do traje, posta no poema, representa uma vasta série de fatores culturais. Viram como um sucinto e despretensioso texto pode trazer tantas referências, de modo que, embora não esteja escrito, o leitor associe os fatos ao resultado final: tribos dizimadas, línguas e costumes perdidos e terra explorada.

Figura 4 - Meme



Fonte: http://noticiascabana.blogspot.com/2018/11/vivendo-no-brasil-1_25.html. Acesso em 18/12/2018.

O *meme*, bastante atual e pertencente à realidade do adolescente, conclui a discussão com sucesso. Os risos ecoaram pela sala junto com as indagações: “por que tem um *meme* no nosso material?” Os discentes, espontâneos, ainda não reconhecem o gênero como leitura possível fora do ambiente virtual, muito menos como possibilidade interpretativa dentro da escola – ainda que o ENEM já o tenha cobrado. Por isso, a escolha pelo gênero se mostrou agradável para os jovens e a crítica foi rapidamente absorvida. Foi interessante, também, expandir a discussão do tema histórico para a propagação de notícias falsas no século XXI, especialmente durante o período eleitoral de 2018, em que foi aplicado este projeto.

A proposta era que os alunos redigissem uma carta a partir da perspectiva de leitor da “Carta de Caminha”, criticando ou não o documento histórico. Nessa etapa, não seria avaliado o posicionamento do aluno, apenas seriam avaliadas a adequação ao gênero e a forma como o aluno constrói seu pensamento, a partir de recursos coesivos, coerência e adequação linguística, com base em Passarelli (2012).

Contudo, como se pôde observar no cronograma, o final do 4º bimestre foi repleto de atividades nas quartas-feiras, dia da aula da produção textual na escola. Por isso, a última produção escrita foi prejudicada. Os alunos, às vésperas do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), também solicitaram uma revisão sobre o gênero dissertação. Por isso tudo, os textos motivadores para a carta do leitor foram apenas lidos em sala e a produção textual ficou para casa. No entanto, não houve aula do 4º bimestre após esse encontro, então as produções não foram recolhidas.

Por fim, ressalta-se que foi utilizada a sequência básica estipulada por Rildo Cosson (2018) em *Letramento literário: teoria e prática*. Essa sequência consiste em quatro etapas, que vão do pré-textual ao pós-textual: motivação, introdução, leitura e interpretação. O primeiro momento, segundo o autor, consiste em preparar o estudante

para entrar no texto, traçando laços estreitos com a leitura principal, priorizando o lúdico. Já o segundo é, de forma breve, uma apresentação do autor e da obra, de modo que o interesse seja despertado.

Para a terceira etapa, Cosson (2018) propõe que a leitura extensa seja feita fora de sala de aula, por isso, foi solicitada a leitura prévia da “Carta de Caminha” em casa. Posteriormente, trechos selecionados foram lidos em sala, em roda de leitura. Intervalos foram propostos, para sanar dúvidas de vocabulário, enumerar características do gênero e debater o tema. A última etapa, por fim, é a materialização da interpretação, é uma atividade que externaliza e registra a leitura.

Essa sequência foi base para os exercícios de escrita, iniciando-se sempre com algo que não é o texto principal (como uma conversa), tendo em seguida a apresentação do texto principal, do autor, do contexto e outros; na sequência, houve a leitura do texto principal; e, enfim, a interpretação que, nesse caso, tem o sentido de ser uma atividade pós-textual em que foi utilizado algo da leitura anterior.

6 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

A pesquisa, cuja problemática era a falta de interesse e de criticidade dos alunos, foi concluída com sucesso. As discussões que permearam as leituras e as produções foram ricas. Os alunos puderam se expressar sem imposição de uma opinião como certa. A professora ocupou a posição de mediadora apenas. Foi interessante observar como os alunos, na verdade, já tinham algum senso crítico, porém não havia espaço para fala nas aulas de produção textual, tampouco na escola, de modo geral.

Os jovens levaram os debates e os textos para temas como demarcação de terras indígenas e política, como pode ser observado na segunda e na quinta produções textuais, apresentadas mais à frente. Também foi perceptível a criatividade dos alunos aflorar na atividade, como comprova a terceira produção que descreve “ocas flutuantes”, “homens pálidos”, “canoas diferentes”, “cocares que brilhavam”, “tangas que cobriam todas as pernas” e “objeto que mostra nós mesmos”. Esse texto aponta a capacidade do aluno de se colocar na posição do índio.

Eles estiveram livres para escolher o local e a data que quisessem, desde que fossem coerentes com o texto. Por isso, houve redações escritas em 1500, em 2018 e no futuro, como se pode analisar nas redações 3, 4 e 2, respectivamente. Outrossim, houve muitas cartas escritas no decorrer do século XVI, algum tempo após o “descobrimento”, e outras no decorrer do século XXI, relatando problemas recentes e atuais. A carta de número 4, redigida em 2018, relata problemas antigos, como a ascensão dos bandeirantes paulistas, mas também discriminação e preconceito sofridos atualmente.

Em relação à estrutura, eles puderam projetar um emissor singular (eu) ou plural (nós), representando uma tribo. Muitos assinaram como “pajé”, “cacique” e outros e utilizaram vocabulário indígena. Isso mostra, mais uma vez, comprometimento com a tarefa, pois pesquisas de conteúdo e de vocabulário foram realizadas. Por fim, alguns modificaram o destinatário, como poderá ser observado nos exemplos 1, 3 e 4.

Foi perceptível, também, a comicidade e a ironia presentes das produções. Inspirados, provavelmente, pelos vídeos do canal do *youtube* “Porta dos fundos”, que tratam do tema de maneira engraçada e crítica simultaneamente. Na produção de número 9, esse tom humorístico se manifesta na problemática das árvores amigas que somem. Em algumas cartas, trechos muito similares aos expostos nos vídeos foram encontrados.

Essa criatividade que se manifestou nas redações é cerceada na Escola Básica à medida que as séries avançam, de modo que os textos lidos e produzidos sejam predominantemente informativos e argumentativos. Esse trabalho de desenvolvimento da linguagem e da criatividade pode ser interessante para a leitura de mundo e, inclusive, para as outras disciplinas da escola.

Em relação ao primeiro exercício de produção textual, foram entregues 22 textos. Para uma turma de 44 alunos, aparentemente são poucas redações. Todavia, trata-se de uma turma faltosa, pois as aulas ocorriam no primeiro tempo de aula, e de uma turma pouco motivada. Portanto, entende-se que houve um bom retorno de 50% de participação em relação ao total de estudantes da turma.

Acredita-se que, efetivamente, os alunos tiveram mais interesse pelas aulas. Como exemplo, houve um aluno que estava com o braço quebrado na aula da produção da primeira carta. Como não haveria como escrever no papel, o aluno foi liberado da aula. Entretanto, ele optou por ficar em sala e digitar seu texto no celular. Ao final da aula, enviou sua produção textual (1) por e-mail. Pode-se concluir, a partir disso, que houve um maior envolvimento dos alunos.

Seguem algumas redações escritas pelos alunos, inclusive, a do aluno que digitou no celular:

Produção textual 1

“Niterói, 24 de outubro 2018.

Vossa majestade:

Falo em nome de todo povo Payaja com intuito de reivindicar a posse de nossas terras e pedir a sua retirada de forma pacífica de suas tropas. Nossos estoques de frutas e carnes estão se esgotando devido a suas tropas usufruírem da mesma refeição.

Primeiramente essa terra onde vocês fazem sua segunda casa e a qual foi cultivada e cuidada por nosso povo está entrando em decadência pois não há mais espaço para todos. Suas tropas querem implementar uma religião desconhecida que desvaloriza nossos princípios e nossas crenças, os quais são parte de nossa cultura e de nossas vidas.

Não só estamos perdendo nossas terras e culturas, mas também nossas riquezas naturais que foram posse de nosso povo por vários anos até vocês chegarem e subtraírem

elas de nós. Mesmo pedindo às suas tropas, elas pressionam e usam a violência contra nossos filhos e irmãos, esses dias perdemos dois de nossos guerreiros os quais estavam defendendo suas famílias de alguns membros de sua tropa que abusaram de suas esposas.

Vossa majestade, peço muito que o senhor ajude nosso povo a se levantar e se sentir seguro novamente. Precisamos de seu apoio, nossas divergências não nos impedem de seguir nossos conceitos e vocês os seus. Todos podemos trabalhar como uma família, recebi-os com o máximo respeito e máximo carinho e gratidão, espero que entenda.

Saudações cordiais,


Pajé Biruleibe”

(Daniel Antunes – 2º ano)

Nesta redação, o aluno aborda a questão da aculturação, da exploração das terras e dos abusos sexuais. Ainda que não haja muito aprofundamento, a menção demonstra conhecimento sobre as temáticas.

Produção textual 2

Nome: Ana Clara Damasceno
 Turma: 201 Tema: Carta Data: / /

1	Niterói, 24 de Outubro de 2025.
2	
3	Caro Tio Gomez,
4	
5	Venho aqui em forma de carta é em nome dos índios
6	para pedir pelo amor de deus ao senhor, presidente, que
7	nos ajude e nos escute. Estamos perdendo tudo o que
8	é nosso e nem mesmo a FUNAI consegue nos ajudar.
9	A cerca de 1 ano, homens vieram em minha tribo alegando serem do governo e disseram que eu e os outros
10	tinhamos que nos retirar. Nós não temos mais pra onde
11	ir, sinto que estão nos exilando. Nossa história é no Brasil e o Brasil é nossa história!!!
12	Minha cultura faz parte da sua e, se passarmos a
13	viver na sociedade de vocês, todos os nossos costumes
14	morrem. então, se o senhor estiver ciente parte de cada
15	uma história viva se vai com ela. A trago de que???
16	Uma nova loja que abrirá na nossa amada floresta?
17	Senhor Presidente, se estiver ciente dessas ações imploro
18	que as iniba. Não é um pedido de ajuda, é um pedido
19	de governo.
20	
21	
22	
23	Atenciosamente,
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	

Aqui a aluna redige, do futuro, para o então candidato à presidência da república. Menciona a FUNAI, também citada pelos alunos nos debates, e problematiza a inserção total dos indígenas nos centros urbanos. Ao final, suplica fortemente por auxílio.

Produção textual 3

Nome: Bruno Reis

Turma: 2º ano Tema: _____

Data: 24 / 10 / 18

1	Salvador, 23 de abril de 1500
2	
3	Caro Senhor,
4	
5	Venho por meio desta declarar que seus súditos apor-
6	taram em nossas terras, não é de meu conhecimento a
7	forma de se falar em sua terra mas tentarei me expre-
8	sar da melhor maneira.
9	A dias atrás avistamos ocas flutuantes pela água
10	que pararam em nossos portos e homens pálidos e sem
11	cor desceram e vieram para terra firme em canoas
12	diferentes.
13	Os ditos homens usam cocares que brilham como
14	as estrelas, tanga que cubriam todas as pernas e eram
15	semelhantes a pele de animais. Em seu peito carregavam
16	vestimenta dura como o casco de uma tartaruga. Andaram
17	por nossas terras e tudo observaram.
18	Tentaram se comunicar conosco porém os homens
19	de dessa exatidão são incompreensíveis, o contato com os
20	homens pálidos de muito foi produtivo, vimos um
21	objeto que mostra nós mesmos como um rio em cal-
22	mario, ouvimos cantos em reverência a um objeto de
23	madeira na praia etc. Acreditamos poder manter a paz
24	mas alguns de seus homens parecem querer dominar nos-
25	sas terras, peço que os comande ao contrário.
26	
27	Grato,
28	Tapuã.
29	
30	

Como foi dito anteriormente, o aluno, de maneira criativa, posiciona-se da perspectiva do índio ao não compreender vestimentas, navios, objetos e idioma. Redige no dia da chegada dos portugueses e, por isso, a carta é descritiva e não argumentativa.

Produção textual 4

Nome: Ana Letícia Brito

Turma: 2º ano Tema: _____ Data: 24 / 10 / 18

1	
2	Rio de Janeiro, 24 de outubro de 2018
3	
4	Querido leitor,
5	
6	Essa carta tem o objetivo de relatar um pouco da história da
7	minha família e da minha vivência no Brasil contemporâneo. Desde
8	1500, quando os portugueses chegaram em nosso país para explorar e
9	colonizar, a comunidade indígena foi vítima de discriminação e trabalhos
10	forçados.
11	Todas as gerações da minha família passaram por essas situações,
12	desde na época da colonização, quando nos anos 1700/1800 com a
13	arrestação dos descendentes paulistas. Muitos parentes foram obrigados a
14	incubar instituições militares prisioneiras da sua própria terra para
15	que fosse entregue às Cotas Portuguesas e foram catequizados, também
16	forçadamente, abandonando toda sua cultura.
17	Os histórias que contarei sobre minha genealogia, especificamente,
18	não são muitas, pois muitos dos indígenas que tentaram sobreviver
19	por conta de doenças ou até mesmo trabalhos. Porém, com o pouco
20	conhecimento que tenho, posso dizer com certeza que era um sistema
21	injústo e trágico reflexo para a atualidade.
22	No Brasil atual, a comunidade indígena já conseguiu conquistar
23	muitos direitos, apesar de ainda haver preconceito. Eu, por exemplo,
24	faço parte de uma universidade federal subando Geografia. Gestora
25	que todos tivessem a mesma oportunidade que tive e que não
26	homens mais amargados como estamos desde nossa eleição de 2018,
27	porque isso foi coisa de séculos atrás, mas parece que o Brasil não
28	aprendeu.
29	
30	Assinado, Ubiratan

A aluna, escrevendo em 2018, apresenta uma carta aberta de denúncia, por isso o vocativo é “querido leitor”. Explora a catequização involuntária e os trabalhos forçados. Aborda, também, injustiças, preconceito, falta de oportunidade existentes ainda hoje.

Produção textual 5

Nome: Estefany
 Turma: 2º Tema: _____ Data: 23 / 10 / 18

1	Niterói, RJ, 23 de outubro de 2014
2	Excelentíssimo Senhor ministro da Justiça.
3	Eu estou analisando a indisponibilidade
4	para a demarcação de terras indígenas
5	no Brasil, terras, estas recém-demarcadas mas
6	não apropriadas pela ministério da justiça
7	A adaptação de nós indígenas a sociedade
8	moderna, com uso de tecnologia e
9	consumo de produtos do mercado, não
10	pode ser utilizada como justificativa
11	para a produção arbitrária de governo
12	a esta demarcação de terras. Este argume-
13	nto se baseia em uma visão arcaica
14	em relação ao mesmo modo de vida,
15	estes sendo selvagens, com pinturas e
16	penas pelo corpo, ignorando a diversidade
17	cultural que temos. O relevante é que a
18	diversidade não nos torna menos
19	indígenas, obtendo desde nossas culturas e
20	ciências, nossa identidade, e não tendo
21	direito as essas terras.
22	Por isso venho por meio desta carta
23	pedir a reconsideração da demarcação
24	das nossas terras, que assim como
25	todo o resto do povo brasileiro temos
26	direito.
27	Atenciosamente
28	Estefany do
29	Nascimento
30	

A aluna, nessa carta, pronuncia-se em 2014 e se dirige ao Ministro da Justiça. Explora, com afino, a problemática da demarcação das terras indígenas, trazida pelos alunos e muito debatida em sala de aula.

Produção textual 6

Nome: Maria Eduarda AndradeTurma: _____ Tema: _____ Data: 24 / 10 / 18

1	Brazil, 8 de dezembro de 1580
2	
3	Pare rei Henrique I
4	
5	Mãe sempre veio se lembrar esta história como se fosse as coisas em
6	essa mesma terra, e justamente por isso escrevo esta carta a fim de
7	explicar os meus pontos de vista de 1500 até os dias de hoje. Ele por
8	que eu estou aqui que essa nobreza é muito inteligente e gosta de
9	adquirir conhecimentos sobre tudo.
10	Um fator importante a se falar é a maneira como seis navios
11	chegaram aqui. Foi de uma forma incrivelmente assustadora pois eram
12	alguns barcos atracando em áreas locais, e não estar te incluindo,
13	com homens ávidos e nos olhando como fêmeas brancas a serem estas
14	lealdades de pior. Eles não nos enxergavam como humanos que nós somos
15	e acreditamos que por isso nos escravizaram sem nenhuma hesitação.
16	Outro ponto a ser comentado é o fato de nós enxergarmos a
17	essa terra como somente um lugar para retirar as grandiosidades que
18	a mãe natureza nos presentia para aumentar a riqueza material de
19	nós. Riqueza essa que nós utilizamos por algum tempo, no entanto perce-
20	bemos que nós empensava as coisas horríveis que fiziam.
21	Logo acho válido e justo um exercício de empatia para pensarmos que
22	se estivessemos nos mesmos lugares e imaginarmos isso acontecendo com nós, para
23	fim de nos se nós continuarmos com os mesmos pensamentos de que é justo con-
24	tinuar aqui.
25	Espero que eu não tenha escrito algo que agrada sua intenção e aguardo
26	da mais possível a resposta.
27	Índia Maria,
28	
29	
30	

Na produção textual 6, a aluna denuncia exploração e violência a Dom Henrique I, rei de Portugal no século XVI. Por um lado, ele veio a falecer em janeiro de 1580, logo, a carta mostra-se incoerente. Por outro, devido à distância, a notícia pode ter demorado a chegar.

Produção textual 7

Nome: Ana Beatriz de melino de Oliveira

Turma: 2º ano Tema: _____

Data: 24 / 10 / 18

1	Rio de Janeiro, 24 de outubro de 1501
2	
3	Prezado D. João VI de Portugal,
4	
5	A terra que habito possui mistérios ainda não explorados. O
6	meu povo, o qual vós chamam de "índios", possui uma forma
7	de vida bem simples, com destaque a forma de produzir nossos
8	alimentos. Entretanto, nossa terra foi invadida e há uma grande
9	alteração à nossa cultura e, por isso venho aqui.
10	Desde a chegada da frota de vossa Magestade em meu
11	lar, denominada pelas senhoras de Brasil, tem havido grande das
12	matérias, tendo em vista vossa interesse em nossos riquezas
13	naturais. Ademais, nossos animais fogem ao vós e isso
14	causa grande temor em nossos companheiros.
15	Temos apreendido bastante com os senhores, isso é inaceitável,
16	porém a tentativa de implantação de alguns fatores em nosso
17	costume tem nos deixado insatisfeitos, pois acredito que
18	deve existir uma relação mútua, assim como nossos trocas
19	materiais, o comércio.
20	Portanto, vossa Magestade, peço que faça um fim na inter-
21	ferência de nossa fauna e flora. Afirimo também que não nos
22	importamos com a tomada dos materiais preciosos que tanto
23	admiram, desde que exista o respeito por nossa cultura. dem-
24	bram-se, senhores, de que esta terra nos pertença.
25	
26	Atenciosament,
27	Ana Beatriz.
28	
29	
30	

Neste exemplo, a aluna utiliza pronomes de 2ª pessoa numa tentativa de se adequar ao português da época, porém confunde a conjugação do verbo. Outro ponto interessante, além disso, é o uso do termo “invadir”, que carrega sentido mais denso e incisivo.

Produção textual 8

Nome: Esther Berra MinaTurma: 2º ano Tema: _____ Data: 24 / 10 / 18

1	Niterói, 24 de outubro de	1526
2		
3	Rei de Portugal,	
4		
5	Após os acontecimentos vividos por mim e meus amigos	
6	e familiares indígenas, por meio desta carta gostaria de	
7	contar as consequências da chegada de seus homens	
8	portugueses em nossas terras. Já que no começo não	
9	foi isso que imaginávamos ocorrer em nossas tribos,	
10	fomos enganados e perdemos nossas vidas de antes.	
11	No começo, tínhamos nos entrosado com os portugueses	
12	que nos ofereciam presentes que nunca vimos. Antes, é	
13	os índios mostravam nossas terras e frutas do local.	
14	Com o tempo eles se interessavam mais pela nossas pedras	
15	e árvores que diziam ser madeira para construir outras	
16	casas como o barco em que eles vieram.	
17	Após do começo da exploração das terras os	
18	portugueses diziam que devíamos aprender suas culturas e	
19	começaram a nos forçar a trabalhar, então nossas	
20	tribos tiveram que fugir para outras regiões. Alguns se renderam	
21	e ficaram com os portugueses exploradores.	
22	Vou afirmar que perdemos muito, não só material	
23	mas culturalmente, não respeitaram o que somos. Perdemos	
24	amigos e familiares, deixando marcas profundas aos indígenas.	
25	Você tem uma dívida histórica com nosso povo, espero	
26	que reconheça e responda em esta carta o quanto antes.	
27		
28	Paje' Napuã	
29		
30		

Na produção textual acima, a aluna, cerca de 26 anos após a chegada dos europeus, descreve a convivência com eles, utiliza estruturas como “fomos enganados” e cita exploração de terras, escravização, fugas e imposição cultural. Além disso, assina como o pajé da tribo, conferindo certo “discurso de autoridade” à argumentação apresentada.

Produção textual 9

Nome: Kenzo Takeuchi Lippert

Turma: _____ Tema: _____ Data: ___ / ___ / ___

1	Rio de Janeiro, 19 outubro 1560.
2	Rei de Portugal,
3	Ola, o senhor, provavelmente, não me conhece e não deve se importar quem
4	sei eu, mas eu lhe escrevi esta carta pois alguns de nós estão um pouco desconfiados
5	de nossos acordos.
6	Nossos acordos parecem bem justos, só certas pessoas, como o Dica da casa ao
7	lado, estão tendo uma ideia meio que "rebeldi" dizendo que isto não está sendo provei-
8	toroso para vocês e nós nós estamos perdendo e que vocês estão pagando mais do que era
9	normal combinado, e estão tirando satisfação comigo.
10	Vários árvores que estavam aqui, muitas amigos, simplesmente desapareceram,
11	não estou querendo dizer que você os pegou ou que você fez algo com eles, só goste-
12	ria de saber se você salvou de alguém que pode ter feito algo assim e com os animais
13	Também.
14	Certos índios, como o Dica que eu já insinuei, estão pensando em tomar al-
15	gumas medidas extremas para saber que vocês veiam como guerra, mas eu não quero nada
16	além de ser pacifista não gosto de umas coisas porém se você não quiser um pouco não
17	faremos que fazer algo deste tipo
18	
19	
20	Com gratidão,
21	Cassique Ubapuca.
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	

Nessa carta, o aluno se coloca numa posição de pacificidade, mas também de desconfiança, motivado por outros índios. Menciona acordos injustos e supõe que os portugueses são responsáveis pelo desaparecimento de animais e plantas. Ao assinar como cacique, demonstra mais uma vez o “discurso de autoridade”, além de interesse e conhecimento sobre a cultura indígena.

Produção textual 10

Nome: Maria Clara DiasTurma: 2ª série Tema: _____Data: 24 / 30 / 18

1	Salvador - 25 de junho de 1501
2	
3	Senhor Rei de Portugal,
4	
5	Nossa tribo estava arrumando a celebração religiosa
6	que iria ter, quando de repente vimos as primeiras
7	embarcações se aproximando. Nunca vimos algo do que
8	le tamanho nas águas. Ficamos com medo, e todos
9	meus companheiros e eu achamos que estamos sendo
10	castigados pela mãe natureza. Um pouco antes da metade
11	da nossa tribo foi para terra de mar ver os Deuses
12	que estavam chegando para nos abençoar.
13	Quando os seus homens chegaram foi um sentimento
14	de medo e ao mesmo tempo de privilégio pelos presentes que
15	trouxeram nos escolhidos para conhecê-los e nos apresentar com
16	coisas como espelhos, tecidos e pentes, somente para vocês
17	levarem umas madeiras que há várias e a gente quer
18	em uma usso.
19	Porém, as outras experiências foram somente de sofrimento,
20	pois os portugueses começaram a nos forçar a trabalhar,
21	não respeitaram as nossas costumes, e mesmo ao
22	recomendar nossa cultura como imperiosa a desobedecer, portugueses.
23	
24	Acreditamos no início que iria ser uma relação
25	muito boa, até porque achamos que vocês ficam no
26	ao tempo para pegar algumas coisas que vocês não
27	tem, coisas básicas que como possuía muito
28	daria para dividirmos sem problemas.
29	
30	Tribo Juman

A aluna se posiciona tão bem pela perspectiva do índio, que supõe que os portugueses são deuses e que a chegada dos navios é um castigo da natureza – pois a fé indígena propunha castigos advindos da natureza. Ao final, cita as explorações. Interessante notar, também, a presença da 1ª pessoa do plural e a assinatura coletiva, numa tentativa de representar a voz do povo da tribo.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este projeto, que se apoiava no conteúdo “carta argumentativa” e propunha desenvolver leitura crítica e pensamento reflexivo, foi concluído com êxito. A releitura crítica da “Carta de Caminha” foi realizada e discussões surgiram dos próprios alunos. Isso comprova que, embora a maioria estivesse desinteressada e passiva, alguns já traziam suas reflexões e se mostraram bastante conscientes dos problemas atuais do país. Faltava-lhes, na verdade, espaço para a fala dentro da sala.

O interesse pelas aulas de produção textual cresceu notoriamente, como corroboram os números (22 produções feitas) e as atitudes de dois alunos já mencionadas. Um, com o braço machucado de modo que não pudesse escrever no papel, redigiu seu texto no celular e enviou por correio eletrônico. Outro, que auxiliava as aulas com vídeo levando sua própria caixa de som, confundiu as datas e a levou com uma semana de antecedência, pensando que a aula “diferente” já seria naquela data.

Isso se deve, principalmente, aos estímulos realizados através do meio virtual: arquivo *on-line* em PDF e vídeos do *youtube*. Estes, em especial, dialogam muito com a realidade do jovem atual, pois o canal “Porta dos fundos” já é de conhecimento e do gosto dele. Para completar, o *tweet*, ao se tornar um *meme*, agrada o público pelo mesmo motivo e, deparando-se com esses textos “atuais”, os alunos se sentem capazes de interpretá-los sozinhos.

Em somatória, ficou nítida, além da aquisição de conhecimento histórico e cultural, a melhora na argumentação dos alunos da 2ª série do Ensino Médio. Esse é um fator primordial para uma boa dissertação no vestibular, que será prestado pela turma em 2019.

Por conseguinte, entende-se que o projeto obteve sucesso e ratificou as hipóteses levantadas de que é preciso repensar a forma como o conteúdo é passado, como o texto é apresentado. É possível e importante questionar as informações, de modo que os preconceitos do passado não sejam perpetuados, descentralizando o olhar.

REFERÊNCIAS

ABAURRE, Maria Luiza M.; ABAURRE, Maria Bernadete M. **Produção de texto:** interlocução e gêneros. São Paulo: Moderna, 2007.

ANDRADE, O. In: FARACO & MOURA. **Língua e Literatura**. v.3 São Paulo: Ática, 1995. p. 146, 147.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 52 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Texto e interação:** uma proposta de produção textual a partir de gêneros e projetos. São Paulo: Atual, 2000.

COSSON, Rildo. **Letramento literário:** teoria e prática. 2 ed. São Paulo: Editora Contexto, 2018.

GOMES, Renato Cordeiro. Deslocamento e Distância: Viagens e fronteiras na Cultura Latino-americana - Dramatização de Marcas Identitárias. In: ABDALA JR., Benjamin; SCARPELLI (Org.) **Portos flutuantes:** trânsitos ibero-afro-americanos. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2001.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.

PASSARELLI, Lílian Maria Ghiuro. **Ensino e correção na produção de textos escolares**. São Paulo: Telos, 2012.

SANTIAGO, Silviano. O entrelugar do discurso latino-americano. In: _____. **Uma literatura nos trópicos:** ensaios sobre dependência cultural. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SOUSA, Silvia Maria de. Texto, leitura e leitor: apontamentos para os dias de hoje. In: DIAS, André; FERES, Beatriz dos Santos; ROSÁRIO, Ivo da Costa do. (Org.) **Leitura e**

formação do leitor: cinco estudos e um relato de experiência. Rio de Janeiro: 7 letras, 2016.

http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/carta.pdf (acesso em setembro de 2018)

<https://www.youtube.com/watch?v=S9UTFKPyTMs> (acesso em dezembro de 2018)

<https://www.youtube.com/watch?v=ViIBcsGdYDM> (acesso em dezembro de 2018)

APÊNDICE A – EXPLICAÇÃO PASSADA NO QUADRO

Gênero carta argumentativa

“A **carta argumentativa** é um gênero discursivo em que o autor do texto dirige-se a um interlocutor com o objetivo de defender um ponto de vista e, se for o caso, convencer esse interlocutor a mudar de opinião sobre alguma questão polêmica ou levá-lo a agir de uma determinada maneira.” (ABAURRE, ABAURRE, 2007, p. 235)

Por isso, é importante:

- Pensar, ao escrever uma carta, no destinatário e no emissor (quem assina a carta).
- Utilizar argumentos e estratégias argumentativas para marcar a intenção do emissor.

Características:

- Estrutura: local e data; vocativo; corpo do texto; despedida; assinatura.
- Linguagem: o grau de formalidade varia de acordo com a situação e o grau de intimidade entre emissor e destinatário.

Exemplo:

Niterói. 17 de outubro de 2018.

Prezado Luiz,

1º§ - Parágrafo introdutório: saudar o destinatário, apresentar o assunto, justificar a escrita da carta.

2º e 3º § - Parágrafos de desenvolvimento: apresentar e defender os argumentos selecionados, a partir de fatos, exemplos, dados, citações, referências, etc.

4º§ - Parágrafo de conclusão: retomar as principais ideias do texto, sem apresentar novos argumentos, deixando clara a opinião do emissor.

Até breve,

Aluno da 2ª série do E. M.

APÊNDICE B - FOTOGRAFIAS

